



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

CONSCIÊNCIA NEGRA E IDENTIDADE: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU MANOEL DE BARROS, EM BARAÚNA – RN

Adriano da Silva¹

Resumo: O presente trabalho investiga a implementação do Projeto Consciência Negra na Escola Municipal de 1º Grau Manoel de Barros (EMMB), situada no município de Baraúna/RN, como ferramenta de promoção de uma educação antirracista. A pesquisa fundamenta-se em experiências pessoais e acadêmicas do autor, com o objetivo de compreender como o racismo, em sua dimensão multidimensional, manifesta-se no contexto escolar — especialmente por meio de práticas simbólicas e de conteúdos excludentes presentes nos livros didáticos. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, de cunho etnográfico, em formato de estudo de caso, combinando abordagens qualitativas e quantitativas. Os dados foram coletados por meio de questionários, entrevistas, observações e atividades pedagógicas. Os resultados preliminares indicam que os/as estudantes envolvidos/as nas ações antirracistas demonstraram maior consciência crítica, valorização da cultura afro-brasileira e fortalecimento de suas identidades. Como produto de intervenção pedagógica está em desenvolvimento a criação da Biblioteca Antirracista, elaborada de forma colaborativa, como instrumento de valorização de saberes historicamente marginalizados. O estudo evidencia a relevância de práticas pedagógicas que contribuam para a descolonização do ensino de História, rompendo com narrativas eurocentradas e promovendo o respeito à diversidade étnico-racial. Conclui-se que o Projeto Consciência Negra tem se mostrado eficaz na construção de uma educação emancipadora, pautada no diálogo, na valorização das identidades e no enfrentamento do racismo no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação antirracista, Escola, Racismo, Consciência Negra, Relações Étnico-Raciais.

INTRODUÇÃO

É possível mudar: por mais referências da cultura negra na escola

Este artigo tem como objetivo central refletir e investigar a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) no contexto da Escola Municipal de 1º Grau Manoel de Barros (EMMB), localizada no município de Baraúna/RN. O referido trabalho é proveniente de uma pesquisa de dissertação de mestrado que está em andamento². A escolha do tema está intimamente ligada a vivências pessoais do autor, que, desde a adolescência e juventude, testemunhou práticas de racismo e exclusões sociais em seu ambiente social e escolar. Ao observar as experiências de estudantes da referida escola, emergiram duas realidades que motivaram este estudo: a primeira diz respeito à recorrência — embora não generalizada — de

¹Mestrando do Programa de Pós-graduação de Ensino de História (Profhistória/Uern), Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8145-5199>. E-mail: adriano20241002736@alu.uern.br.

²Mestrado do Programa de Pós-graduação de Ensino de História (Profhistória/Uern), cuja orientadora é a Profª Dra. Silvana Fernandes Mariz, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3561-2344>, E-mail: silvana_mariz@unilab.edu.br.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

“brincadeiras” entre os alunos que, à época, eram interpretadas como bullying, mas que, hoje, podem ser compreendidas como manifestações de violência simbólica e preconceito.

Essas "brincadeiras" dirigiam-se, frequentemente, a estudantes negros e negras, pardos e pardas, de origem social mais vulnerável, que tinham o cabelo como alvo de piadas, ou ainda àqueles/as que demonstravam maior dedicação aos estudos ou traços de timidez e introspecção. Tais práticas revelam um padrão de exclusão que contribui para a reprodução de estigmas e hierarquias dentro do ambiente escolar. Essa constatação provocou a seguinte indagação: *é possível construir um ambiente mais solidário, humanizado e que valorize as diferenças, promovendo o respeito mútuo entre os/as estudantes da Escola Manoel de Barros?*

A opressão vivida por muitos estudantes hoje reflete processos históricos de exclusão e violência. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, afirma que “o sonho do oprimido é tornar-se opressor, por isso o imita”; e que esse ciclo só será rompido por meio de uma educação verdadeiramente libertadora (Freire, 1987).

Neste diapasão, para compreender a profundidade dos danos causados a crianças e adolescentes vítimas do racismo escolar, tornou-se necessário recorrer a estudos que abordam tais impactos de maneira crítica. As primeiras leituras indicaram o livro didático como um dos principais vetores de reprodução e reforço de estereótipos racistas. Em grande parte desses materiais, personagens negros são representados com traços negativos ou em papéis subalternos, em contraste com o ideal de indivíduo valorizado pela lógica capitalista e pela estética branca dominante.

Frente a esse cenário, o presente estudo propõe a construção de alternativas pedagógicas antirracistas, como o Projeto Consciência Negra, visando transformar o espaço escolar em um território de resistência, valorização da identidade afro-brasileira e combate ao racismo multidimensional (Souza, 2021).

Supõe-se, portanto, que a ausência de referenciais negros/as historicamente reconhecidos nos materiais didáticos implica em um custo social e educacional significativo para a formação humana. A escassez dessas referências levam crianças e adolescentes negros/as a desenvolverem baixa autoestima, sentindo-se diferentes e, de certo modo, excluídos/as do ambiente escolar. Nessa perspectiva, a imagem do negro escravizado, sofrido e humilhado é



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

constantemente reiterada, perpetuando um símbolo de inferioridade que dificulta a construção de orgulho em relação ao passado ancestral.

É nesse contexto que o racismo é instrumentalizado culturalmente para a manutenção, reprodução e dominação das classes sociais subalternizadas no Brasil, reforçando os privilégios das elites e aprofundando as desigualdades raciais, de classe e de gênero (Souza, 2021). Nesta conjuntura, apropriando-se dessa análise, este artigo propõe o desenvolvimento da ideia de que, por meio da efetiva aplicação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, é possível construir práticas pedagógicas antirracistas nas escolas brasileiras.

Essas legislações encontram materialização no Projeto Consciência Negra, desenvolvido anualmente na Escola Municipal de 1º Grau Manoel de Barros, em Baraúna/RN, há mais de uma década. Nesse sentido, a pesquisa propõe a seguinte questão: *de que maneira o Projeto Consciência Negra possibilita — ou não — o diálogo com uma educação antirracista?*

Não obstante, ao revisitarmos criticamente o passado africano e afro-brasileiro a partir da perspectiva dos próprios povos negros e indígenas, rompemos com a narrativa da história única e oferecemos aos/às estudantes outras formas de compreender o mundo (Adiche, 2009). Essa ressignificação da história permite o reconhecimento das diversas formas pelas quais o racismo opera, abrindo caminhos para a construção de estratégias de resistência frente a esse mecanismo de exclusão que atravessa gerações.

A pesquisa apresentada neste artigo — ainda em fase de desenvolvimento — tem como foco a análise da efetivação do Projeto Consciência Negra como ferramenta de promoção de uma educação antirracista na EMMB. Para isso, propõe-se uma análise aprofundada das práticas que estruturam o projeto, executado anualmente e que mobiliza professores/as e estudantes em torno de pesquisas sobre a história e a cultura afro-brasileira e africana. As atividades são organizadas a partir de um tema central, escolhido a cada ano, com início em setembro e culminando em uma grande celebração no mês de novembro, durante o Dia Nacional da Consciência Negra. Nesse evento, são apresentados os resultados dos trabalhos desenvolvidos, por meio de manifestações culturais como música, teatro, pintura, declamação de poemas, entre outras expressões artísticas e culturais. Nesta conjuntura, determina-se os objetivos específicos.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

O primeiro objetivo específico consiste em investigar a relação entre o Projeto Consciência Negra e a construção das identidades dos/as estudantes. Para isso, serão desenvolvidas atividades temáticas e será realizada uma análise crítica dos conteúdos dos livros didáticos que abordam a história e a cultura africana e afro-brasileira. As ações cotidianas da escola também serão observadas como fontes de pesquisa, exigindo a descolonização dos conteúdos e a valorização de uma historiografia plural. As atividades realizadas no âmbito do projeto serão consideradas como formas legítimas de produção de dados. Além disso, entrevistas, questionários e registros audiovisuais serão utilizados como instrumentos metodológicos, assim como conversas informais que emergirem do cotidiano escolar.

O segundo objetivo específico é investigar como os/as professores/as operacionalizam o Projeto Consciência Negra, com a finalidade de identificar práticas pedagógicas alinhadas aos princípios da educação antirracista. Essa etapa envolve a aproximação com o corpo docente e a análise de suas práticas de ensino, buscando compreender se suas ações contribuem para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica e transformadora. Para tanto, serão realizadas conversas individuais e coletivas, além da aplicação de questionários impressos ou digitais, com vistas à qualificação dos dados coletados dentro de uma abordagem etnográfica e intervencionista.

O terceiro objetivo específico refere-se à implementação de uma proposta de intervenção pedagógica intitulada Biblioteca Antirracista, a ser construída coletivamente com estudantes e docentes da EMMB. Essa biblioteca se propõe a ser um espaço permanente de valorização de obras e produções diversas sobre a história e cultura africana, afro-brasileira, dos povos originários, das mulheres e de outros grupos cujas contribuições foram historicamente invisibilizadas pelo pensamento racista, machista e patriarcal.

A gênese dessa proposta surgiu ao longo do percurso do mestrado, especialmente nas discussões da disciplina *História do Ensino de História*, ministrada pela professora Aryana Costa. A leitura do texto de Anderson Ribeiro Oliva e Maria Telvira da Conceição foi decisiva para o amadurecimento da ideia de um artefato pedagógico que dialogue com a memória, o pertencimento e a resistência histórica.

Os autores, em determinado momento do artigo, apontam a urgência de destruir a biblioteca colonial e construir uma biblioteca descolonizada:



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

É preciso destruir essa Biblioteca Colonial, ler novos livros, escritos por africanos, a partir de uma perspectiva epistêmica africana. A segunda imagem é mais forte, mas não menos aplicável ao nosso caso. Sarr lembra que Mudimbe defendia que seria preciso também ‘livrar-se do odor persistente do pai’, o colonizador-europeu com suas síndromes narcisistas de superioridade e paternalismo (Oliva; Da Conceição, 2023).

Essa proposta pedagógica tem como pretensão intervir nos traços de tradicionalismo e conservadorismo que ainda predominam na biblioteca da Escola Municipal de 1º Grau Manoel de Barros (EMMB), onde se percebe uma significativa ausência de obras e materiais literários que representem as culturas negra, indígena e feminina. A Biblioteca Antirracista, nesse sentido, surge como uma ação estratégica de inclusão e democratização do acesso ao conhecimento, com o intuito de ampliar o repertório disponível e romper com a hegemonia das narrativas construídas, em sua maioria, por autores brancos e homens.

O objetivo é transformar o espaço de leitura da escola, preenchendo-o com obras que reflitam a diversidade cultural brasileira e mundial, contribuindo para a formação de leitores/as críticos/as e conscientes de suas identidades e do pluralismo cultural que compõe a sociedade. Essa ampliação de olhares é inspirada nos ensinamentos de Chimamanda Ngozi Adichie (2009), que alerta para os riscos da “história única” — uma narrativa unilateral que reduz a compreensão do outro e perpetua estereótipos, desigualdades e exclusões. Assim, firma-se uma pesquisa-ação etnográfica para os fins desta pesquisa.

METODOLOGIA: PESQUISA-AÇÃO ETNOGRÁFICA DE ESTUDO DE CASO

A escolha metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa inicialmente seguiu o percurso da pesquisa-ação. No entanto, após diversas observações, análises do objeto investigado e da convivência direta do pesquisador com os/as participantes, compreendeu-se que o delineamento mais apropriado seria o da pesquisa-ação com recorte de estudo de caso. Essa definição metodológica levou em conta as especificidades do contexto escolar, a proximidade entre pesquisador e sujeitos envolvidos, bem como a necessidade de propor intervenções pedagógicas concretas.

A metodologia desta pesquisa, portanto, será orientada pela abordagem da pesquisa-ação participativa, conforme reforça Melo (2023), ao afirmar que esse tipo de investigação



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

exige a compreensão do lócus, dos sujeitos e do percurso realizado. Nas palavras da autora: “Para a melhor compreensão deste estudo, faz-se necessário o conhecimento sobre o percurso metodológico que envolve o lócus, os sujeitos e o caminho percorrido para execução da pesquisa.” (Melo, 2023, p. 47).

Essa abordagem metodológica, ao mesmo tempo que propõe intervenções reais no cotidiano escolar, busca caminhos dialógicos para enfrentar os problemas identificados, sem a pretensão de universalizar resultados ou elaborar teorias fechadas.

Dessa forma, com base nas contribuições de Melo e André, as práticas metodológicas seguirão uma lógica de produção de fontes articulada ao contexto da escola. As fontes iniciais serão geradas a partir de atividades escolares cotidianas e da aplicação de questionários que abordarão temas como o racismo, suas expressões epistemológicas, o significado da cultura africana na vida dos/as participantes e sua importância na construção de uma educação antirracista, por meio do Projeto Consciência Negra.

Além disso, será utilizada a abordagem qualiquantitativa, a fim de enriquecer as análises com dados numéricos e descritivos. Os questionários estruturados e semiestruturados permitirão a coleta de informações gerais, enquanto os questionários abertos possibilitarão aos/as participantes maior liberdade de expressão, incentivando depoimentos mais espontâneos e significativos. Essa estratégia metodológica favorecerá uma análise mais profunda e interpretativa da realidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa.

A escolha por incorporar técnicas quantitativas, portanto, não compromete a qualidade da investigação qualitativa, mas sim a complementa, permitindo o cruzamento de dados objetivos com interpretações subjetivas que revelam as múltiplas dimensões da experiência escolar. Os dados coletados serão analisados com rigor crítico, contribuindo para a produção de uma escrita investigativa fundamentada, reflexiva e comprometida com a transformação social e educacional.

Assim, André (1995, p. 21) denota que

Por essa razão não me parece ser muito conveniente continuar usando o termo ‘pesquisa qualitativa’ de forma tão ampla e genérica como preferem alguns (como, por exemplo, Alves 1991). Eu reservaria os termos quantitativo e qualitativo para diferenciar técnicas de coleta ou, até melhor, para designar o tipo de dado obtido, e



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

utilizaria denominações mais precisas para determinar o tipo de pesquisa realizada: histórica, descritiva, participante, etnográfica, fenomenológica etc.

A autora propõe uma reflexão sobre o valor e a qualidade da pesquisa qualitativa, destacando que esta não deve ser definida unicamente por oposição à pesquisa quantitativa — muitas vezes estigmatizada como positivista —, mas sim reconhecida por seus próprios méritos, dentro dos parâmetros rigorosos da metodologia científica.

Neste sentido, a presente investigação também se caracteriza como um estudo de caso, uma vez que busca compreender como determinados grupos sociais — no caso, estudantes e professores/as da EMMB — percebem e experienciam um tema central no processo educacional: a valorização da identidade negra e a construção de uma consciência antirracista. A pesquisa tem como objetivo verificar se o Projeto Consciência Negra contribui efetivamente para esses fins, bem como se o corpo docente da escola atua de maneira propositiva nesse processo formativo.

A metodologia do estudo de caso apresenta, conforme apontado por diversos autores, vantagens e limites. Segundo Marli André (1995), esse método permite ao/à pesquisador/a adentrar nas particularidades do contexto investigado, com abertura para mudanças de abordagem à medida que as nuances do fenômeno se revelam. A autora ressalta que o estudo de caso busca oferecer uma explicação holística da realidade, o que exige tempo e dedicação tanto na coleta quanto na análise dos dados.

A presente pesquisa alinha-se a essa perspectiva, pois busca compreender se e como os/as estudantes são impactados/as pelas ações voltadas à temática racial desenvolvidas no ambiente escolar — especialmente durante o Projeto Consciência Negra. Trata-se de um processo investigativo em andamento, cujos resultados poderão ser mais bem compreendidos apenas ao final da análise de campo.

A observação cotidiana da escola se configura como uma fonte essencial de dados, uma vez que permite captar as falas, comportamentos e reações espontâneas dos/as estudantes diante da temática racial. Essa convivência direta possibilita ao/à pesquisador/a construir um retrato realista e profundo da realidade escolar, sem a mediação artificial de instrumentos formais. Marli André (1995) defende que uma das maiores virtudes do estudo de caso é justamente a possibilidade de registrar o cotidiano escolar em sua dinâmica natural, desde que haja presença



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

constante do/a pesquisador/a, aceitação por parte dos sujeitos envolvidos e sensibilidade para interpretar adequadamente as situações observadas. No entanto, a autora também alerta para o risco de dispersão: a atenção excessiva a detalhes cotidianos pode desviar o foco da pesquisa e comprometer sua profundidade analítica.

Assim, o aprofundamento deste estudo sobre o comportamento dos/as estudantes diante da temática da consciência negra e da valorização da cultura afro-brasileira precisa ultrapassar o nível empírico e romper com interpretações baseadas no senso comum. Faz-se necessário um diagnóstico com embasamento científico rigoroso, que permita compreender em que medida as ações pedagógicas do projeto contribuem — de fato — para a consolidação de uma educação antirracista, comprometida com a valorização da história e da cultura dos povos africanos e afro-brasileiros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas estratégias metodológicas adotadas — como aplicação de questionários, realização de atividades pedagógicas e observações em sala de aula —, foi possível iniciar a análise dos dados produzidos durante a execução da pesquisa. Os resultados preliminares, obtidos junto às turmas do 7º Ano D, 8º Ano C e 9º Anos A e B da Escola Municipal de 1º Grau Manoel de Barros, revelam percepções distintas, mas igualmente significativas, sobre o impacto do Projeto Consciência Negra na construção de uma consciência antirracista entre os/as estudantes. A seguir, apresentam-se as evidências levantadas até o momento, que apontam para importantes reflexões sobre as práticas pedagógicas, a aplicação da Lei 10.639/2003 e os efeitos das intervenções na formação das identidades juvenis no contexto escolar.

Análise dos Resultados Preliminares

Os primeiros resultados desta pesquisa indicam que estudantes que não participaram de atividades voltadas aos valores multiculturais, especialmente os que envolvem as culturas africanas e afro-brasileiras, apresentam significativas limitações de conhecimento nesse campo. Por outro lado, aqueles/as que participaram de intervenções pedagógicas com foco nessa temática demonstraram maior identificação com a ancestralidade africana e melhor compreensão dos aspectos culturais relacionados.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

O percurso metodológico até aqui foi delineado a partir da participação — ou ausência — dos/as estudantes no Projeto Consciência Negra (PCN) nos anos anteriores, bem como da realização de intervenções em sala de aula, aplicação de atividades pedagógicas e questionários diagnósticos para a produção de dados que embasam esta análise.

Neste momento, são apresentados os resultados iniciais referentes às turmas do 7º Ano D, 8º Ano C e 9º Anos A e B, que revelaram percepções distintas, porém complementares, confirmando que a proposta de pesquisa possui relevância para o campo do Ensino de História, para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para a prática docente comprometida com a transformação social. Nesta seara, deu-se a participação por turma da seguinte forma: no 7º Ano D: 11 alunos/as participaram da primeira etapa (questionário diagnóstico), e 21 estudantes estiveram presentes nas atividades da segunda e terceira etapas. Logo, no 8º Ano C: 23 alunos/as participaram da primeira etapa e 20 da segunda e terceira etapas. Em seguida, tem-se o 9º Ano A: 38 estudantes participaram das três etapas. Por fim, o 9º Ano B: 34 estudantes participaram da primeira etapa, 31 da segunda e 42 da terceira.

Resultados do 7º Ano D

Uma das atividades aplicadas aos/as estudantes do 7º Ano D buscava investigar os conhecimentos prévios sobre o continente africano e sua cultura. A análise das respostas revelou grande desconhecimento sobre a história da África e da cultura afro-brasileira. Muitos/as estudantes não sabiam sequer afirmar se a África é um continente ou um país. Tal constatação evidencia a ausência de aplicação da Lei 10.639/2003 nas experiências anteriores desses/as alunos/as — muitos dos quais já haviam sido reprovados pelo menos uma vez no 6º ou 7º ano.

Além disso, quando questionados/as sobre a imagem que tinham da África, a maioria associou o continente à fome e à miséria, reproduzindo estereótipos midiáticos e históricos que reforçam uma visão depreciativa. Esse dado levou à formulação de duas hipóteses: i) ou os/as professores/as não abordaram os conteúdos de forma consistente; ou ii) o fizeram sob uma perspectiva bancária de ensino, conforme crítica de Paulo Freire (1987), limitando-se à simples transmissão de informações, sem promover o diálogo ou a construção coletiva do saber.

Percepção após as intervenções pedagógicas



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Posteriormente, foi aplicado um questionário semiestruturado com o objetivo de investigar até que ponto o PCN promove sentimentos de pertencimento e identificação com a cultura africana e afro-brasileira. Os/as estudantes do 7º Ano D reconheceram a importância do projeto como ferramenta de combate ao racismo, ao preconceito e ao bullying, além de valorizarem o respeito à diversidade. Notou-se uma evolução positiva, especialmente considerando que, no início do processo, essa turma se mostrava resistente à participação nas aulas.

A estratégia adotada foi pautada no diálogo constante, oferecendo espaço para que os/as estudantes pudessem se expressar livremente e assumir protagonismo no processo de aprendizagem. Como reforça Paulo Freire (1987, p. 91),

“O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.”

Essa abordagem dialógica promoveu uma abertura para a educação para a vida, despertando nos/as estudantes reflexões sobre sua própria história, identidade e lugar no mundo. O Projeto Consciência Negra, nesse sentido, tem se mostrado um instrumento de empoderamento, contribuindo para o enfrentamento das influências negativas do racismo — um dos motores da exclusão social, como observa Souza (2021).

Resultados do 8º Ano C

Os/as estudantes do 8º Ano C também manifestaram reconhecimento da importância do projeto, destacando que o PCN promove respeito, equidade e reflexão sobre o impacto das práticas racistas dentro e fora da escola. A aluna J.G., por exemplo, declarou:

“Sim! Porque além de nos ensinar a respeitar o próximo, ajuda no desenvolvimento do combate ao racismo.”

Em uma conversa informal, J.G. relatou que sua mãe havia sofrido racismo por parte de uma parente e que a situação gerou uma denúncia formal. Ela destacou que falar sobre racismo na escola a ajudava a compreender melhor o problema e a enfrentá-lo fora dela.

Resultados dos 9º Anos A e B



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

As turmas do 9º Ano A e B reforçaram esse padrão de percepção positiva. Em suas falas, os/as estudantes evidenciaram que compreendem a importância do projeto não apenas para o ambiente escolar, mas também para a vida em sociedade. Eles/as afirmaram que o debate sobre o racismo deve ultrapassar os muros da escola, ampliando o alcance das ações educativas.

Considerações Parciais

Em síntese, os resultados obtidos até o momento indicam que a proposta investigativa está no caminho certo, produzindo efeitos positivos na formação dos/as estudantes. O Projeto Consciência Negra, ao promover ações contínuas e significativas, tem contribuído para fortalecer o respeito à diversidade, a valorização das culturas negras e o reconhecimento da identidade como elemento plural e dinâmico. Os/as estudantes apontam que, por meio do projeto, é possível construir uma escola mais humana, solidária e consciente das desigualdades, favorecendo uma educação antirracista que vai além dos conteúdos escolares e alcança a vida cotidiana.

Conforme compreendido em Marli Eliza Dalmazo Afonso de André (1995, p.15),

Muito próximo a essa formulação, o interacionismo simbólico assume como pressuposto que a experiência humana é mediada pela interpretação, a qual não se dá de forma autônoma, mas à medida que o indivíduo interage com o outro. É por meio das interações sociais do indivíduo no seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, que vão sendo construídas as interpretações, os significados, ou a sua visão de realidade.

É exatamente isso que esta pesquisa tem revelado: o compartilhamento de falas e experiências evidencia relações harmoniosas em torno da percepção de que o Projeto Consciência Negra é compreendido pelos/as estudantes como uma ponte significativa entre a cultura africana e afro-brasileira e a construção de uma consciência antirracista. Essa consciência tem contribuído para o fortalecimento do bem-estar nas relações interpessoais — entre estudantes, entre professores/as e entre estudantes e professores/as. Conforme aponta André, essa interação positiva vai promovendo, gradativamente, uma visão mais valorizada que os/as próprios/as estudantes constroem de si, favorecendo um ambiente escolar mais acolhedor, cujos efeitos tendem a se estender para além dos muros da escola.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A minha alma está armada e apontada para a cara do sossego,
Pois paz sem voz não é paz, é medo”
(O Rappa, “Minha Alma”, 1999)

A canção do grupo O Rappa ecoa como um grito de denúncia e resistência que sintetiza, de maneira poética e contundente, o espírito desta pesquisa: não há paz possível diante da omissão. A paz verdadeira só se estabelece quando há justiça, inclusão e reconhecimento. Nesse sentido, o Projeto Consciência Negra se apresenta como um instrumento de voz, identidade e protagonismo para estudantes que, historicamente, foram silenciados nas narrativas escolares. Dar visibilidade a essas vozes é uma ação ética e política, que desloca o ensino da História de um lugar neutro e eurocentrado para um campo de disputas, memórias e reconstruções.

A investigação realizada na Escola Municipal de 1º Grau Manoel de Barros confirmou a potência pedagógica de práticas voltadas à valorização da cultura africana e afro-brasileira. Ao longo do estudo, foi possível observar como os/as estudantes, a partir das atividades propostas no projeto, passaram a ressignificar suas identidades, ampliar seus repertórios culturais e desenvolver uma consciência crítica acerca das práticas de exclusão racial. Essa transformação não se dá de forma instantânea, mas progressiva — fruto do diálogo, da escuta, do reconhecimento e da ação educativa intencional.

O referencial teórico-metodológico adotado — centrado na pesquisa-ação etnográfica com abordagem qualiquantitativa — possibilitou uma imersão sensível e participativa no cotidiano escolar. Essa aproximação com os/as sujeitos da pesquisa — estudantes e professores/as — favoreceu a produção de dados densos, oriundos não apenas de questionários e entrevistas, mas, sobretudo, das vivências e observações que compõem o que Paulo Freire chamaria de *inéditos viáveis*: possibilidades concretas de transformação que emergem do chão da escola.

A análise dos resultados evidenciou que as turmas que participaram ativamente das ações do projeto apresentaram maior consciência sobre temas como racismo, ancestralidade, identidade e diversidade. Por outro lado, estudantes que não vivenciaram essas atividades demonstraram desconhecimento e reproduções de estigmas coloniais, como a associação da



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

África à miséria. Essa discrepância reforça a urgência de uma abordagem contínua, sistemática e comprometida com as diretrizes das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 — que não devem ser tratadas como eventos pontuais, mas como fundamentos permanentes do currículo escolar.

Outro resultado importante foi a constatação de que, quando os/as estudantes são protagonistas das ações, há um engajamento maior nas atividades, mesmo entre aqueles que inicialmente apresentavam resistência. O uso do diálogo como prática pedagógica, a escuta ativa e o respeito às experiências individuais foram decisivos para estabelecer uma relação de confiança e pertencimento entre o corpo discente e o projeto. O PCN, nesse sentido, operou como uma pedagogia do afeto e da libertação, conforme os princípios freireanos.

O surgimento da proposta da Biblioteca Antirracista dentro da escola aponta para a consolidação de um espaço permanente de resistência, pesquisa e valorização de outras epistemologias. Ao romper com o acervo tradicional, majoritariamente composto por autores brancos e narrativas eurocentradas, essa iniciativa amplia os horizontes formativos dos/as estudantes e fortalece a presença de referências negras, indígenas, femininas e periféricas no cotidiano escolar. Isso contribui diretamente para a construção de uma escola plural, democrática e socialmente comprometida.

Do ponto de vista da prática docente, a pesquisa reforça a necessidade de formação continuada dos/as professores/as, para que estejam preparados/as a mediar discussões étnico-raciais com sensibilidade, conhecimento e responsabilidade. A abordagem da temática racial na escola ainda enfrenta desafios como o desconhecimento, o medo de errar ou a reprodução de práticas inconscientes de exclusão. Assim, urge investir em políticas públicas de formação, revisão de materiais didáticos e fortalecimento de redes colaborativas entre educadores/as.

É importante destacar que esta pesquisa não encerra as reflexões sobre o tema, mas lança sementes para que novas práticas pedagógicas floresçam e se consolidem na escola pública. O caminho antirracista exige continuidade, resistência e coragem para enfrentar os conflitos que surgem quando se questiona a ordem estabelecida. Trata-se de uma travessia em que todos/as — estudantes, professores/as, gestores/as e comunidade — devem estar comprometidos/as em construir uma escola que acolha, respeite e celebre a diversidade.

Por fim, conclui-se que o Projeto Consciência Negra, na EMMB, tem se configurado como uma prática educativa transformadora. Ele não apenas cumpre o papel de inserir a



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

temática racial no currículo escolar, mas também desperta nos/as estudantes o desejo de conhecer suas origens, valorizar suas histórias e lutar contra as desigualdades que ainda estruturam a sociedade brasileira. Que essa experiência possa inspirar outras escolas, outras redes de ensino e outras pesquisas a seguirem pelo mesmo caminho: o da construção de uma educação que forme sujeitos críticos, conscientes e antirracistas.

O combate ao racismo na escola não é uma tarefa apenas curricular, mas existencial. Ao abrir espaço para o reconhecimento das culturas negras, afro-brasileiras e indígenas, a escola se torna mais viva, mais verdadeira e mais justa. Afinal, como nos ensinou Conceição Evaristo, “eles combinaram de nos matar, mas a gente combinou de não morrer.” E é na educação que combinamos de viver, resistir e transformar.

REFERÊNCIA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

OLIVA, Anderson Ribeiro; CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial: reflexões sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003. *Revista História Hoje*, v. 12, n. 25, 2023.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.